

ALSAMADA
NUNCA ME ES
AGAPARÁISO
QU
ONCTOS MILE EMAR
GONAO VANTO CONVE
IM EM BUZONAR
MAIOSENINHA SÓ DE CAP
MENTA INACIÃO DE AM
MILHÃO DE VOTOS
MILHÃO DE VOTOS
MILHÃO DE VOTOS

sombros

UFRB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

VICE-REITOR

Silvio Luiz Oliveira Soglia



Editora UFRB

SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Fábio Santos de Oliveira

Ósia Alexandrina Vasconcelos Duran Passos

Rosineide Pereira Mubarak Garcia

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

SUPLENTES

Ana Cristina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

*Camilo
César Alvarenga*

sombros

[Arquipélago de impressões do real. Breviário]



Editora UFRB

*Cruz das Almas – Bahia
2012*

Copyright©2012 by, Camillo César da Silva Alvarenga .
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Projeto gráfico, capa
e editoração eletrônica:
Zimaldo Melo

Revisão, normatização técnica:
Camillo César da Silva Alvarenga

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme
decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A473e Alvarenga, Camilo C. da S.
Escombros / Camilo C. da S. Alvarenga. –
Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

92 p.

ISBN 978-85-61346-24-9.

1. Poesia 2. Literatura brasileira. I. Título

CDD 869.1



Editora UFRB

Campus Universitário
Rua Rui Barbosa, 710 – Centro
44380-000 Cruz das Almas – BA
Tel.: (75)3621-1293
gabi.editora@ufrb.edu.br

A gradecimentos

ID EST.

7 anos depois...

Ao passo que o tempo adianta-se, somos arrastados unto com ele. Em homenagem todos que passaram e permanecem na minha vida até hoje, e em especial a

minha Dinda Maria Lúcia Sacramento
que me ensinou o valor da memória.
ao espectro do meu avô Augusto Moreira da Silva.
a minha mãe Dalva Lúcia, vovó Mida e
Tia Lia a "santíssima trindade" feminina em minha vida.
a toda família.
a Dona Dalva do Samba por fazer do poeta, músico.
a UFEFS e seus Doutores, Roberval Pereyr, Antônio Brasileiro,
Chico Lima, Girlene Portela, Roberto H. Seidel.
a UFRB e seus Doutores Luís Flávio Godinho, Salete Nery e
à memória de Marcelo Masset Lacombe (Orientador).
a Editora da UFRB na pessoa de Sérgio Matos.
ao mestre Adriano Oliveira que deu oportunidade
à realização do presente projeto gráfico.
ao Coletivo Senzala por tudo, todos e todas...
a Debora Bittencourt com quem dividi a maior parte do tempo
em que se gestava, em mim, Sombros.
a galera da Escola Pública pelos momentos
de composição e criação musical e audio visual.
a Manuela Hernandez Martinoya em alguma parte
do deserto do Atamaca; no Chile e no mundo
a Daniela Fernandes que acreditou na concretização deste livro.
a Zimaldo e Vaneza Melo pela confiança e realização deste projeto.

TE EM FLOR EMBA
STÉTICOS
-PO QUANDO A SA AZI
ANQUILLO DE RUP
EMPRESO ATAVIA BE
ADNAS ÇCAPAS OETA
DA STANGLAS ENE
QUA E MIA NHE OTO
CONEC OZAN NHE OTO
ONDE PA MHE OTO
LAD LON ON NHE OTO
BONVEN NHE OTO
PSC ESTI MHE OTO

Prefácio

Desordem, desalinho, anti-estrutura e destroços

DAYANNE PEREIRA

Nesse livro você não vai encontrar a simetria das formas comuns nem a ordem lógica das imagens mentais. Tudo aqui são presságios e fragmentos de algo em constante construção, mas que em processo, está em desordem, desalinho e destroços de palavras.

Sombros está dividido em três livros, apêndice e anexo que também contém poesias. Essa estrutura não é por acaso, os nomes dos livros sugerem um enquadramento dicotômico e contraditório, pois não condiz com o seu conteúdo: categorias versus consequências e formas versus fluídos.

No Livro I – Das categorias e outras consequências, Camillo César permeia temáticas que estão distantes de se homogeneizarem em categorias, mas são consequências das categorias que formamos em nosso universo temporal e abstrato cotidiano. A teoria que não condiz com a realidade, a mais-valia tecnológica que temos nas entranhas de forma subjetiva e corrosiva e para finalizar o capítulo, um poema que revela

o momento mais íntimo de parto poético e seus sentimentos mais obscuros.

No Livro II – Das formas e dos fluídos, o poeta inicia em “Antítese de si”, com uma crítica aos filósofos, mas os outros poemas fluídos ficam para a interpretação de cada um, cada fluído deve ter sabor próprio de acordo com a degustação de cada leitor.

No Livro III, a poética permeia espaços que vão desde a poética analítica, o não consolo da poesia, o fazer do escritor, entre outros estilhaços que fazem refletir sobre o tempo, a poesia e a contribuição dos filósofos para a humanidade.

No Apêndice, lembranças enigmas e fronteiras esperam para ser decifrados. Na última parte do livro, chamada Anexo, mas que no contexto do livro não tem essa função, o poeta faz uma homenagem ao rio Paraguaçu, que banha a sua cidade natal. Enfim se deliciem em conhecer os Sombros de Camillo César que com fragmentos de abstração desenvolveu essa obra que pode te levar às ruínas de palavras que incitam a reflexão.

Dayanne Pereira é jornalista, mestranda em Comunicação e Cultura Contemporânea na Universidade Federal da Bahia (UFBA), vinculada a linha de pesquisa Análise de Produtos e Linguagens da Cultura Midiática e integrante do grupo de pesquisa em Análise Crítica da Mídia e Produtos Midiáticos (Analítica) e do grupo de pesquisa Análise do Discurso e Mídia (CEPAD).

Preâmbulo

Eis os Abismos da mente, a mosca num vôo sem ritmo. Cega vaga em busca de fazer zumbir a grade, flecha acesa disparada... A lira não respira, habita o terrível trono em torno de estranhas estrofes, Poética das entranhas, das vísceras extraída, das ruínas do ser erguida, pousada sombra nos scombros, de onde avista mais e mais scombros...

O Arquiteto da Destruição contempla pólvora, pó e cinzas, tudo fumaça, esquecimento enquanto vê brotar do totem a sua última habitação: o refazer-se constante. Uma geniosa e insone constelação de versos de onde se parem e partem os pensamentos em busca da Eternidade, do Absoluto esse tudo-nada que consome.

Em busca da Origem universal, da gênese cósmica oferta-se um frio desdém ao Éden, pois o que se busca está muito Além do Inferno ou Paraíso... É o Universo! O único verso capaz de nos recriar e a vida. É preciso então o Ocaso desta Idéia apodrecida por milênios... E assim arrastados por esse Espírito embriagado pela Loucura Universal do Ser, rejeitemos a sombra desse deus antigo e aceitemos a imanência do "Eu".

É sem alcance esta âncora, este naufrágio em si, estranhamente como um peixe a cortar as dimensões abissais até encontrar o gen universal dos pensamentos fazendo reverberar e "ascender" as sílabas emergindo em versos. No Caminho ao atravessar os pórticos da linguagem, as fronteiras da expressão entre "luz e som" da qual o Poeta é um eterno forasteiro, contempla toda tecnologia de todo espírito estrangeiro em seu próprio "corpo", este caixão de ossos em que a alma muito além de si alçada alcança a transfigurada forma de existência. Através do rompimento com o ritmo original atinge-se a transubstanciação do som, do fonema, da sílaba, da palavra, do verso ao Poema, enfim a consumação da Poesia e não a imitação da vida, mas sim a sua mais fiel realização, pois a Arte não precisa de crítica, precisa de artistas. Desenrola uma moderna tradição entre o Poeta e a Poesia, entre criador e criatura traduzindo a arte como o delirante momento em que através da "Arte Suprema", a Poesia, o Artista cria e recria o homem e a humanidade. Só nos resta ficar entregue a ensandecida diacrítica capaz de nos participar o plástico-acústico de imagens e melodias conduzidas para tudo aquilo que nos é ofertado, o incessante enigma da Eternidade.

Sumário

Sombros	13
Transmissão 1:	14

Livro I

DAS CATEGORIAS

E OUTRAS CONSEQÜÊNCIAS

A casa da aldeia	18
Destroços de uma teoria	19
Mais-Valia Abstrata	20
Tarefa ainda cumprida	21
Escritório	22
Livro	23
De ogam a máscara	24
Vigília	25
Armagedon	26
[[{ S,...?}]]	27
Cântico	28
Arca	29
Eis, que interpõem-se o poeta	31

Livro II

DAS FORMAS E DOS FLUIDOS

Antítese de si	34
Deuses,	35
Poema	36
'Sferas Outras	37
Prónóticos	38
Academia de filosofia (Ou O pêndulo)	39
Rebanho de estrelas	40
XIII	41
Logopéia	42
Do arsenal do não ser-se	43
Labirinto do naufrago	44
Poemas sinfônicos	45
Exercício lírico	46
O ser levita	47
Tornou-se cais o caos	48
Amarelescendo-se	49
Poétiquântica	50

A urna cinza	51
Entre a pena e a lei	52
Jurassic Park	53
Aos belos montes	54
Rai cai	55
Perfeita imperfeição	56
XVI	57
X	58

Livro III

PÓS-POETA

Poeticanalítica	63
A senzala	64
É esta poesia que não consola	66
O Futebol	67
Enquanto aquele sustém	68
Em pixels e usb	69
Jueves, 10/06/2010	70
Aperfeiçoar o espírito	
e/ou aproximar o ser do tempo	71
No último dia	72
Escritor	73
Expurgação	74
Aqueles aquém os filósofos	76
Humano, ser,	78

Apêndice

Obra prima desconhecida	80
A	81
Às fronteiras	82
Despeja o enigma	83
Lembrança futura	83

Anexo

Fatalismo acientífico	85
Fatalismo acientífico	85
Líricoisas	86
14 Estações para Valquíria.	87
Canto em duas Cordas para o vale do Paraguaçu	88

Sombros

Quando quis o paraíso
já o havia perdido...

Num céu de estrelas despido

Dorme o verso, no berço,

nos braços do Universo...

O pensamento corta esta metálica muralha,
esquecimento.

Olhai este torpedado entorpecido

Cruzando o oceano amanhecido...

O que h'além das letras?

É preciso domar o dom, inventar estrelas,

Ter um punhado mísero de letras, a desmaiar,

[em minhas mãos

Desperta ó canção!

Desfaz o Caos no coração do

Infinito...

700 e setenta e sete sonetos

malescritos...

E este verso já foi tantos,

tantos...

E das trevas de outrora

Só resta,

Os sombros de agora

Transmissão 1:

Mas se ainda findar o mundo,
Estarei eu, pequenino e desnudo,
Ante a lâmpada do pequenino totem
A laborar o enigma dos números

Reflexos reverberando restos
No amanhã, precipitada previsão
Dos caminhos, como quando
O caos põe fim a esse planeta

Cortariam as montanhas as ovelhas
Levando a sede às lagoas
E da cancela esmaecida

Amadurace a manhã,
No arrasto das carroças que
cargueiam carcaças de caranguejos

r o mundo
no e desnudo
o pequenino tótem
a dos números

ndo restos
bitada previsão
no quando
esse planeta

tanhas as ovelhas
s lagoas
aecida

nhã,
rroças que
as de caranguejos

A casa da aldeia

É não só minha esta aldeia,
Fingo-me esfinge, nau noturna
Cortando imensidão soturna,
Alastro um rastro pela areia,

Argonauta das profundas regiões
Do invento das galáxias, trono
que não alcançarei, onde reina
a infância e ninguém é rei.

Poluo-me de cotidianos outros,
Lamento não ter nascido
Ocupo espaços ociosos, logo
se corrompe a estrutura.

No ar de longe desponta,
Da antiga casa construída,
Ainda quente, o lampião
atroar.

Destroços de uma teoria

Tempos em signos de luas
Dissolvendo noite em dia
Psicodélico o pensamento.

A pomba planta sementes
nas nuvens...
Ninhos seus scombros escondidos
Imperfeito labirinto o da idéia...

Varias vozes zanzam, zumbem
Nas esquinas, teus cabelos-
Chuva, sambam, enxugam

Sempre novidades, dissonante a-
Corde qual ontem; E a teoria
Não mais sustém precária realidade.

Mais-Valia Abstrata

Mais nunca

Um gesto,

Uma testa franzida,

Uma expressão fortuita

Devagar...

Devaganeando mirantes

De céus em chama imerso

A natureza em si

Transtorna,

Midiáticos instrumentos

Almas Alienam

Subjetividade informacional

Tecnologia das idéias produzindo verdades.

Mais nunca
Um gesto,
Uma expressão fortuita
Devagar...
Devaganeando mirantes
De céus em chama imerso
A natureza em si
Transtorna,
Midiáticos instrumentos
Almas Alienam
Subjetividade informacional
Tecnologia das idéias produzindo verdades.

Tarefa ainda cumprida

Almas mil emaranhadas,
Em buzinas e sirenes
Antes tão desafinadas
Quanto descontentes.

Não ser só somente
Na estante um título
E além astro ardente
Do último capítulo

Da herança de Catulo
Foge qual Sísifo
Ameaça um pulo
E apaga o hieróglifo

Na próxima quadra
Mistifica a fumaça,
Escapa da esquadra,
Bando que avança.

Mente que não cansa
Tarefa muito repetida
De quem acha esperança
Volta ao ponto de partida.

Eis que aqui,
 Ante o murmurar tranqüilo,
 Ciclópico intervalo
 No espaço deslocado

Escritório

Em líquida viagem

Eis que aqui,
 Ante o murmurar tranqüilo,
 Ciclópico intervalo
 No espaço deslocado

Formas cavалares

As redes de alta tensão.

Em líquida viagem
 A remorsosa região;
 Formas cavалares
 As redes de alta tensão.

Cumprimento Castro, companheiro.

Nos versos como a natureza em
 Três riachos,
 O resto, retrato de família.

Nos versos como a natureza em

Três riachos,

Inspiração?
 Só cá nos bureaus de tabaco.

O resto, retrato de família.

Inspiração?

Só cá nos bureaus de tabaco.

Livro

Livre

de fins estéticos,

Mapas

perdidos nas capas

Veículo que o homem transporta...

Manipula fibras,

Cânhamo para papéis, bibliotecas.

O pão cozer no barro,

Ainda no prelo,

Decodificar tratados

Mercadoria que vence o tempo

Alarga o espaço.

Nem Marx saberia

contar como caíram

seus imensos manuscritos

em grego e latim.

Gutenberg,

triplifica pelas páginas o mundo...

Dinâmicos e atuais

Nas ondas, nas telas,

As massas comunicam.

Não superam escrita a palavra,

Orgânica e plástica

Do ogam a máscara

Nunca me estive aqui,
Eu, o crepúsculo que anda...
O Poeta não vai a conferências.

A líquida planície amanhece...
Não há por assim dizer
Poema feito a novidade,
Não tentes
É inútil toda tentativa.

(Passar-o-hálito
que mergulha e sonha,
prescrever o silêncio anterior
aos meus sentidos.

Mais vasta majestade descalça
Deitada no cume da serra
Como se de outras eras
Pousado houvera nos séculos
ao prelúdio do acontecido
que os átomos explodem.)

Como quando um cão
Os lábios lambe, e
Febo pôr-do-sol a máscara,
Palavras coágulos em tua boca
E olhos em plácidos langores,
Em coma teu corpo.

Vigília

Acesso para transmigrar
Místico terreno
Região de tempo em fantasia
Orgia, magia que coagia.

Ser que outrora ardia
Sílabas em voz e canção
Só a solução da casa a desertar.

Ante a câmara,
Agitam-se as águas,
Desengano em que acreditam,

revolução está nas ... das ruas...

O rio das consciências
De um deus,
Quem mais há de ter
Inventado intervalo
Entre o sono e o sonho?

A



Trago o gênio na algibeira

Armagedon

Desfeito em azul fumaça.

Eu, Aladin sem lâmpada
Trago o gênio na algibeira
Desfeito em azul fumaça.

Herança interrompida,

Herança interrompida,
Devastada,

Longa estrada,

Longa estrada,
a vida.

Sois vós em outras peles,

Sois vós em outras peles,
Camaleônica estrutura.

Desce do sol o arrebol,

Desce do sol o arrebol,
Mistério inconsútil,
Empresa inútil
Essa tal natureza.

Não há culpa em ser;

Não há culpa em ser;

Livre só em Plutão,

Livre só em Plutão,
Terra que não existe.

Desce do sol o arrebol,

Mistério inconsútil,

Empresa inútil

Essa tal natureza.

Não há culpa em ser;

Livre só em Plutão,

Terra que não existe.

mentira sincera,

Que a lei das esferas

[({ S,...? })] Esfacela e se ignora.

Saber amar a sorte,
mentira sincera,
Que a lei das esferas
Esfacela e se ignora.

Não, ainda não é hora, de ver

Não, ainda não é hora, de ver
o quanto do mal se apavora
e o bem d' alma vai embora.

Mar em lama, pantanoso
Abismo, que ronde em volta
De si mesmo

Mar em lama, pantanoso

Eterno ermo,
Acerto disperso em erros,
Me transmuto, pós-luto
E desterro.

Abismo, que ronde em volta
De si mesmo

Mais um capítulo encerro.
E não sendo mais sincero,
disfarço as máscaras.

Eterno ermo,
Acerto disperso em erros,
Me transmuto, pós-luto
E desterro.

Mais um capítulo encerro.
E não sendo mais sincero,
disfarço as máscaras.

Cântico

Os cânticos em série
in perfeita ordem,
E o que para de ranger
Só depois dos ossos

Moer, na tua intrépida
Letargia,
Cefaléia, gravidez?
Lombalgia?

O todo ao derredor se transforma,
toma tantas outras faces,
de si disfarces.

Não eu, seria mesmo aqui,
Diante do reflexo vermelho,
esquadrinhando as sombras
e o estilhaço do espelho

que desprende da mandíbula
a tragar o crepúsculo,
impotente músculo,
osculando em amplexos,

reverberando conexos que
ao ser no trapézio conduz:
Louca argumentação...

Depois de ouvir as bachianas
Saberei só o sabor das eras
Desterrando alquímicas quimeras
Eclipsando o apocalipse nas almas...

Arca

Ali a uma igreja escrita
Acima do centro
E outdoors atravessando a paisagem.

Eu, não escrito, divago
precipícios sobre um mar vago,
essência, angústia que deforma,
Terror que apavora.

Agora ora. Só o que lhe resta,
Tire essa marca da testa
E inventa o impossível, rio
As margens, qual pétalas, rocios.

Um assombro absurdo, no estômago
um urso, pulmão do discurso,
Imagens de plástico.

E em meu ser elástico
As formas tomam cores vagas,
E estendem-se depois das vagas.



É longo o canto, a vida breve,
Pois que então poeta, escreve.

Antes que o pecado te revele
E nem mesmo a mãe te vele

neste instante derradeiro.
Há-de ser-se por inteiro

Do ventre escuro dos céus,
Brotam outros tantos eus...

Quem há de vencer-se,
Render ou perder-se?

Durante um quanto tempo
Corta o céu um pensamento

Qual folha de papel em branco.
Eu, cá em baixo, sentado no bar

Pensamentando, o que não vi,
O esquecimento que venci.

É longo o canto, a vida breve,

Pois que então poeta, escreve.

Eis, que interpõem-se o poeta

Antes que o pecado te revele

É longo o canto, a vida breve,
Pois que então poeta, escreve.

E nem mesmo a mãe te vele

Antes que o pecado te revele
E nem mesmo a mãe te vele

neste instante derradeiro.

neste instante derradeiro.
Há-de ser-se por inteiro

Há-de ser-se por inteiro

Do ventre escuro dos céus,
Brotam outros tantos eus...

Do ventre escuro dos céus,

Quem há de vencer-se,
Render ou perder-se?

Brotam outros tantos eus...

Durante um quanto tempo
Corta o céu um pensamento

Quem há de vencer-se,

Render ou perder-se?

Qual folha de papel em branco.

Eu, cá em baixo, sentado no banco

Durante um quanto tempo

Corta o céu um pensamento

Qual folha de papel em branco,

Eu, cá em baixo, sentado no banco

Pensamentando, o que não vi,

O esquecimento que venci.

Pensamentando, o que não vi,

O esquecimento que venci.

TALVEZ

SER-PENTE EM FLOR EMBA

DE FINS ESTÉTICOS

GRÃO-DE-POLÉNS A SA AZI

MAPAS QUANDO QUIS O

VOCU INTRANQUIL O DE PUP

HA LIMA TEMPLES ATAVA ON

PERDIDOS DIAS CAPAS O ETX

DA SÓCORA INSTANCAS E NE

MAIS UNIFORME EM MANEIRAS

OS VOZAS APRENDIAVA NUN

QUANDO DISA NUNCA O PRA

MEIO-TEMPO EM MANEIRAS

ENTRE NUNCA EM BEM BURAC

PREVIAVA O QUE AQUILO

TRABALHO EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

EM MANEIRAS EM MANEIRAS

LIVRE
ALSAMADA NUNCA ME ESTIVE AQUI,
AÇA PARAÍSO QUEM SABE,
O ANTIPOSCULO QUE ANDA,
GOTO MIL EMARANTIMPAIS,
A NÃO VANTO, ONVIDA RREVS,
SIM, EM BUTONA RORAS ENAS
MATEINHAAS BIDE CARIES CRTVE
MENDONIA SIO DE ANDINO #ANEM
MATEINHAAS BIDE CARIES CRTVE
MENDONIA SIO DE ANDINO #ANEM

Livro II

DAS FORMAS E DOS FLUIDOS

Antítese de si

Os filósofos não sabem nada
Nem da razão a estética
Se não fosse a invenção da ética
Estariam sem trabalho.

Falo de tempos imemoriais,
De minha deficiente lingüística
Se não fosse característica
Mais banal e vulgar.

Depois da líquida viagem
A universos em buracos negros
Vejo sempre mais espaços neutros
Cavernas onde habitam-me eutros.

Hematofagia das horas, que num
Crepúsculo cheio de auroras
A natureza mais uma vez é triste,
Não se sabe que existe.

E a dislexia povoa a depressão
de tua imaginação. Núcleo cosmo
polita, dissolvido na memória
- mar de mármore que irrompe a história.

Antropologia das civilizações pós-modernas...
e as cidades também são eternas
antíteses de si mesmas.

Deuses,

Improviso sobre o impossível.

Os deuses da chuva desceram a meus pés

E disseram: É inútil esta empresa

Se no perfume não há beleza.

A queixa contraria toda natureza

Em busca de uma única chama acesa

Pois que do céu, em scombros despido,

Na cela mais profunda da masmorra

Mora tua terrível resposta. Aposto

Ainda que em balde morra assim

Sem uma lágrima, uma ponta de

Razão ou esperança que lhe valha um só sentido
Como a manhã nascendo nos olhos duma criança

Poema

O
Diabético, seu membro amputado,
Perfuma em seu Dannemann
Os corredores do sobrado.

Na barcaça a carcaça da criança
Arde, seria-lhe cortar o rio a nado,
Terraços d'estrelas salpicados
teus telhados...

informe na instância
que vapora...
dissolvida substância,
que no nada se deforma,

Qualquer miragem sem ortografia...

O segredo sidéreo
Em meio ao nevoeiro,
enciclopédico animal
sem óculos,
Revelar o etéreo...

O
Diabético, seu membro amputado,
Perfuma em seu Dannemann
Os corredores do sobrado,
informe na instância
que vapora...
dissolvida substância,
que no nada se deforma,
Qualquer miragem sem ortografia...
Revelar o etéreo...

Na barcaça a carcaça da criança

Arde, seria-lhe cortar o rio a nado,

Terraços d'estrelas salpicados

teus telhados...

informe na instância

que vapora...

dissolvida substância,

que no nada se deforma,

Qualquer miragem sem ortografia...

O segredo sidéreo

Em meio ao nevoeiro,

enciclopédico animal

sem óculos,

Revelar o etéreo...

‘Sferas Outras

Germina 'sferas outras Germina 'sferas outras

as raízes,

as raízes, De quando éramos

filhos dos netos

De quando éramos dos antepassados.

filhos dos netos Pois que

Nada conheço além

dos antepassados. Dum alegórico renque fraturado

de metáforas.

Pois que Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Nada conheço além

Dum alegórico renque fraturado

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

de metáforas.

Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Germina 'sferas outras

as raízes, De quando éramos

filhos dos netos dos antepassados.

Pois que, Nada conheço além

Dum alegórico renque fraturado

de metáforas.

Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

Prónóticos

Começa com Eu
Depois Tu chegas
Aí vem Ele atrás
De Nós, e só o que resta
Depois que Vós se vão,
São Eles...

Começa com Eu

Depois Tu chegas

Aí vem Ele atrás

De Nós, e só o que resta

Depois que Vós se vão,

São Eles...

há uma tempestade
no atro do teatro
desfazendo tua face.

Academia de filosofia (Ou O pêndulo)

há uma tempestade
no atro do teatro
desfazendo tua face.

vaiemos o último ato;
caixas-eletrônicos filosofam
pirotecnia na academia,

e se o dinheiro
existe ou não.

antropofagia da civilização
cálculo infinitesimal.

A humana condição
é a transgressão transcendental!

fuga da fulgás região
sem possível rastrear-me

vestindo o hábito de fumaça
superar a crença na história,

distorcê-la.

Rebanho de estrelas

sombra que alonga-se

na doente harmonia

Do rastar de chinelas

Reunião mística de acentos

neste Kant(o) hermético(elétrico)

De luz e som, de pus e dor...

Voltar a ser essência da canção

Entorpeço-me a não lembrar

O Poema infinito do universo

Nunca escrito na transestrelar

distância

Entre

deus

e

eu.

Na extensão transatlântica,

D'aturdida realidade

No crepúsculo alucinado

Do fim dum doido dia de horas nervosas

Viagem absmística

No eco criador destes efeitos

Embriagados,

alma e pensamentos,

na delícia derretida na memória

outrora...

no gosto do perfume de

XIII

Há versos que não de chegar
Bêbados

Quais cegos pássaros
Pousando ignotos destinos,
Remoto endereço,
a poesia.

Orquestra negra de tambores,
Sinistrícas visões que se esbarram...

Signos polifônicos
polissêmicos
policrômicos

Pluriformes armas da civilização,
Legendárias...

Não alcançam terrível
região
lírca de permuta,
instante atormentado

onde ecoa cícioso

o canto do ócio
estrangulado, suicida
que dispersa-se nas sobras...
Turbilhonado no vulto das multidões...

Logopéia

Ao nó do ritmo desfeito, estranhas,
Pelo espaço desfeito, estranhas,
Estrofes se me vem das entranhas,
Do pantanoso abismo...
Pelo qual a pena rediviva:

Ao nó do ritmo rompido
Pelo espaço desfeito, estranhas
Estrofes se me vem das entranhas,
Do pantanoso abismo.

O poeta espanta o pássaro!
Além dos pensamentos
Descansam regiões cerebrais...

Uma flor a brotar no hipotálamo...

Só um verbo me basta
Um só
Pelo qual se sobreviva
Pelo qual a pena rediviva.

Do arsenal do não ser-se

Em casa,
Infectei-me
Com a linguagem hospitalar.
Não sei mais ser-me
O que ou...

É passado o presente de outros
Sou o futuro do amanhã,
Toda noite reescrito,
Transfigurado

Oceano sem barco
Solidão atlântica
[que se faz destino.

Transfigurado
Oceano sem
barco
Solidão atlântica
[que se
faz destino.

Labirinto do náufrago

Talvez

quem sabe

outrora seja,
 quem sabe um dia

e eu enfim

Te reveja,

Aurora engravidando um dia

O mar...

E tuas crinas

de pérolas de prata e azul

Pétalas de polium e eu enfim

Parando os ventos e as ondas...

Onde andas, poesia?

Melhor metade de mim mesmo

Confuso equilíbrio

de

mim em ti.

A mórbida movia os braços

no corredor,

o traste desafinou,

desceu um tom,

Eis que preciso do mar o dom,

Oceano enigma de letras –

Pois que é preciso furtar os ninhos

e desaguar

em

correntezas

[Quero-me náufrago

Num labirinto de crisálidas acesas.

Poemas Ante sinfônicos mim e

Sobre como mudar o mundo
À inspiração de Heitor Villa Lobos

Tão pouco inda me resta
De tudo acabado
Ante
a mim
Um planeta devastado

Uma multidão de cérebros
Por evoluir.

A paus e pedras
Se digladiam os homens
Enquanto coiotes devoram
Os que ainda sobrevivem,
Farejando nosso sangue
Como um rastro de rosas,
Há quilômetros...

Nas legiões dos desertos
 Mulçumanos, onde deixamos
 de ser mais humanos,

foi aí

que a poesia **Exercício lírico**

te

consumia, poeta,

era o

que

manchava as areias dos perdidos cadernos
 onde os homens já não

são eternos

nem meus exércitos de sonhos.

Nas legiões dos desertos
 Mulçumanos, onde deixamos
 de ser mais humanos,

foi aí

que a poesia

te

consumia, poeta,

era o

que

manchava as areias dos perdidos
 cadernos

onde os homens já não

são eternos

nem meus exércitos de sonhos.

Mais nunca eu aqui

Me exilei na poesia

O ser levita

Pausada sílaba,

Mais nunca eu aqui

pesada

Me exilei na poesia

em

Pausada sílaba,

pálidas estrofes

pesada

Pariste das entranhas

em

pálidas estrofes

Pariste das entranhas

Elásticas, elétricas, estranhas

Jaz no apartamento

O solitário

pensamento,

No atro abandonado

de meu coração

O não-Ser-se agora

esse bando disperso de ilhas

na amplidão de tua imaginação...

Falemos a linguagem das máquinas!

Ser de tudo antes lírico,

Antídoto

de etílicos momentos...

Bitucas queimando os filtros,

dos litros longe,

Da dúvida... Dos barris,

Da dúvida...

O não-Ser-se agora
esse bando disperso de ilhas
na amplidão de tua imaginação...
Falemos a linguagem das máquinas!
Ser de tudo antes lírico,
Antídoto de etílicos momentos...
Bitucas queimando os filtros,
dos litros longe,
Da dúvida... Dos barris,
Da dúvida...

Ousar talvez

Alcoolizar

o tempo...

Algazarra de letras,

Alfabeto inteiro sem

Nem hiatos

do ego

do eu.

Em meio ao tumulto e

Homens-peças na

superestrutura de poder.

Céleres piadistas,

vogais

entre

a Ideologia

Revolta das multidões

Tornou-se cais o caos

Ousar talvez

Alcoolizar

o tempo...

Algazarra de letras,

Céleres piadistas,

Alfabeto inteiro sem

vogais

Nem hiatos

entre

a Ideologia

do ego

e

do eu.

Em meio ao tumulto e Revolta das multidões

Homens-peças na superestrutura de poder.

Amarelescendo-se

A barriga do burguês

sorri para tv,

e a nicotina nos teus dentes.

A barriga do burguês

sorri para tv,

e a nicotina nos teus dentes.

Poétiquântica

de minhas ruínas...

Ética?Pó
de minhas ruínas...

Pelo esgoto escorre o fôlego

Rio de vermes em versos
carregando a canção que morre

Antes que se esgote o cântaro.

Já não prende-se

ao corpo
abandonado espírito

Insano, doentio.

Apagou-se o fanal, o farol estrelar

Ó numero, ó nume infinito

Teu nome a perturbar-me o pensamento,

Encarcerado no soneto, este pobre apartamento,

Quer reter o espírito perdido.

Elevar-se o verso a lógica do absurdo

Compor algo confuso como o tumulto

Apagou-se o fanal, o farol estrelar

Ó numero, ó nume infinito

Teu nome a perturbar-me o pensamento,
Encarcerado no soneto, este pobre
apartamento,

Quer reter o espírito perdido.

Elevar-se o verso a lógica do absurdo
Compor algo confuso como o tumulto

A urna cinza

...depois de inocentes doses de um doce Bacardi
 É preciso tomar o barco e rumar outro porto...
 2008-03

A só pra li, seu bafo sulfuroso da Báquica orgia
 Que sem paz erige este que jaz e já nã(o)mora ...
 Descansa no úsculo átomo este gen, helicoidal
 arquitetura da inconstância; emparedada, a idéia

se transmuta. Par em par, em nós quando se apaga
 pelas mãos... Ânfora que nada seja, pó povoando as
 ruínas, assim, sem braços desterrada, luz disforme,
 que escorre, e nada é, perde-se nuque obumbras...

Em desespero, por desertos oceanos busquei
 em cada porto – a fumaça – de que visto o
 terno do sem termo, deste em milagres; pêlos

fosforescendo suor dos ermos poros de Parco
 Mólo, trem atormentado os nervos atravessa,
 qual Febo que habita-me ao som do arroteo...

depois de inocentes doses de um doce Bacardi
 É preciso tomar o barco e rumar outro porto...
 2008-03

Entre a pena e a lei

Para além das fronteiras
do
Frontispício,
Do pórtico inescrito
Nas regiões cataclísmicas,
Excessos rítmicos
As rimas,
Ausência de som
Cinema
Mudo de palavras,
Ciências
Inexatas,
não
existem
Para tudo respostas

Somos hd's de pensamentos
náufragos na
imaginação...

Trancado de fora do teatro
Ilhado em si,
sobre a memória

de
nunca ter sido...

Jurassic Park

É fatal aos homens a cidade,
o verso veste o vento de scombros,
Único unicórnio pairando na estepe,
velociraptor perverso inspira o peixe
no voo sopra seu hálito derradeiro...

Filha dos destinos, artimanhas,
Em mim, estas estrofes estranhas...
Sem motivo este poema, esta prece
Que às pressas o operário escreve.

Se me descem no relâmpago
Elásticas, elétricas... Sinistros
Pensamentos, deus proscrito,
Espelhos do infinito, acesa
Imagem de mentar não cessa.

Assombram-me impossíveis sonetos
qual escravo escrevo sem descanso...
os pensamentos estridentes êmbolos
passam como peixes trêmulos
A correr num rio terrível, manso.

Assombram-me impossíveis sonetos
qual escravo escrevo sem descanso...
os pensamentos estridentes êmbolos
passam como peixes trêmulos
A correr num rio terrível, manso.

"diante daquela que a montanha
Se perturba e treme"

V.M. **Aos belos montes**

"diante daquela que a montanha
Se perturba e treme"

Eis que mira-se o horizonte

Rumamos em marcha ao belo monte,
"diante daquela que a montanha
Se perturba e treme"
V.M.
enquanto não estamos tão distantes.

Eis que mira-se o horizonte
Rumamos em marcha ao belo monte,
Ainda que não sejam os belos montes,
enquanto não estamos tão distantes.

Ainda que não seja o bastante,
Ainda que não venha o amanhã,
Acendamos a matéria inanimada

Diante ao Parlamento,
Façamos Movimento!

Diante ao Parlamento,
Move-se a vida a seus passos
Façamos Movimento!
Pois sonhos não envelhecem.

Move-se a vida a seus passos
Pois sonhos não envelhecem.

Rai cai

A ótica,
No Cosmo, é ver
na notícia, o Abismo.

Perfeita imperfeição

Acendeu-se a humana pira
ao som soturno de noturnas liras
O mármore desmoronou, esta casa
Em ruínas, para além da asa .

Pomposa catedral em mármore sinistro
Fria em vitrais e santos fúnebres
Antiga ilha esquecida e lúgubre
Dispersa entre os raríssimos ministros.

A Beleza e o Bem, ilusões da sorte
Sombros, ruínas, destroços, carrossel
Místico em desatino de palavras,

Eis o metafísico transporte:
Balsâmica dor ensimesmada em riso
E que ofertas infernal paraíso.

Acendeu-se a humana pira
ao som soturno de noturnas liras

O mármore desmoronou, esta
casa

Em ruínas, para além da asa .

Pomposa catedral em mármore
sinistro

Fria em vitrais e santos fúnebres

Antiga ilha esquecida e lúgubre

Dispersa entre os raríssimos
ministros.

A Beleza e o Bem, ilusões da
sorte

Sombros, ruínas, destroços,
carrossel

Místico em desatino de palavras,

Eis o metafísico transporte:

Balsâmica dor ensimesmada em
riso

E que ofertas infernal paraíso.

XVI

Existir para fora

Da possibilidade real

Do sonho.

X

“A pena me livrará do esquecimento
Que se vem aos homens”

A.RIMBAUD

O poeta, em punho a pena-digital...
Tecla pela página um clique.
Tem o peso de âncoras, poema.
É sempre moderno o eterno.

Um nome perturba o pensamento
Eu-coração, coliseu em ruínas
A ti amores, uma cama infinita de flores...
Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,
Invenção simbólica do humano ser.

“A pena me livrará do esquecimento
Que se vem aos homens”
O poeta, em punho a pena digital...
Tecla pela página um clique.
É sempre moderno o eterno.
Um nome perturba o pensamento
Eu-coração, coliseu em ruínas
A ti amores, uma cama infinita de flores,
Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,
Invenção simbólica do humano ser.

O poeta, em punho a pena-digital...

Tecla pela página um clique.

Tem o peso de âncoras, poema.

É sempre moderno o eterno.

Um nome perturba o pensamento

Eu-coração, coliseu em ruínas

A ti amores, uma cama infinita de flores...

Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,

Invenção simbólica do humano ser.

LIVRE

ALSAMADA NUNCA ME ESTIVE AQUI,
AÇA PARAÍSO QUEM SABE,

OSCULO QUE ANDA
SUSCULO QUE ANDA
MIL EMARANTIMPAIS;
GOTO CANTO, CAVIDA RREVS,
A NAO VANTO, GONVIDA RREVS,
IM, EM BUTONA RORAS ENAS
MICEINMABASIDE CARIES CRTA
MENDONIASIOB DE MANDM#ENINM
MADONIASIOB DE MANDM#ENINM

Livro III

PÓS-POETA

"Ardem sobre a Babilônia

Os filhos de Tântalo deus e Caos"

A senzala¹

A toca de Golias

trago o último,

quintessência de nós

para além dos pórticos

para o cosmo infindo,

onde dorme

em mansidão tranqüila de manhã.

"Ardem sobre a Babilônia
Os filhos de Tântalo deus e Caos"
A casa do Índio
A toca de Golias
trago o último,
quintessência de nós
para além dos pórticos
para o cosmo infindo,
onde dorme
em mansidão tranqüila de manhã.

Eu nunca mais aqui

Eu nunca mais aqui
por entre livros e escolhas entre idéias

por entre livros e escolhas entre idéias

Banido pra depois de lá...

Banido pra depois de lá...

Da Biblioteca de Alexandria
criação tão rara

Da Biblioteca de Alexandria
Das páginas alturas de estantes tuas

Que enlouquece a criatura.

Hoje, ontem será

1 Poesia publicada pela 1ª vez na edição nº 0 da Trasa Revista - 2009
criação tão rara

Que enlouquece a criatura.

um bando de corujas tortas
 comédia de loucos, teatro das bestas,
 Releituras de conceitos, negação do óbvio
 Enobrecer o tolerável, navegar no ócio
 Ops! Cactos para o escritor.

um bando de corujas tortas
 comédia de loucos, teatro das bestas
 Releituras de conceitos, negação do óbvio
 Enobrecer o tolerável, navegar no ócio
 Ops! Cactos para o escritor.

Do outro
 Como se num orbe distante descansa
 Teu semblante
 dormindo na imensidão.

Ápice no excesso de ser mais humano!
 Ápice no excesso de ser mais humano!

Só
 Se
 Lá
 For
 que não haja
 Entre vós novos hieróglifos...
 trago último,
 queimando oceanos inteiros,
 multidão de pensamentos,
 um caos em eus

Só
 Se
 Lá
 For
 que não haja
 Entre vós novos hieróglifos...
 trago último,
 queimando oceanos inteiros,
 multidão de pensamentos,
 um caos em eus

É esta poesia que não consola

e resiste,
capital digital de símbolos do dia-dia,
não ser, incrédulo espírito,
societal o anti-Estado vegetativo.

Filosofia antiplutônica,
[cência-lei
dos pensamentos em que me envolvo,

Nave plana na neblina,
De ti, até a idéia pequenina.

é esta poesia que não consola
é esta poesia que não consola
é esta poesia que não consola
é esta poesia que não consola
é esta poesia que não consola

O Futebol

Zico aos domingos
ofuscando o sol...
uma vez me disse um poeta
mas eu sem saber respondi
não fiz muito mais que calar.
Então veio assim.

As redes em pensamentos,
 E a cultura transforma em
Enquanto
aquele
sustém
 Sativa a sondagem do absurdo.

As redes em pensamentos,
 E a cultura transforma em
 Grau e trabalho, aço-te con-
 Creto imagem destilada,
 Sativa a sondagem do absurdo.

Lírica digital, virtualmente
 Dispersa em realidades outras,
 Cotidianos eutros essa humanidade
 Anti-pós-natureza, impossível
 geografia.

Gramática hermética, teus signos,
 Sociedade. Imprevisto alarme.

Poética III, Estação invernal
 Esta idéia de tua esfera,
 Incontida a paciência
 Para além da teoria:

Poética III, Estação invernal
 Sistemas arquitetam estruturas
 Esta idéia de tua esfera,

Incontida a paciência

Para além da teoria:

Sistemas arquitetam estruturas

Em pixels e usb

A tecnologia manifestou-se
 É o não-fim da luta-de-classes
 Que estampa-te as faces

Improváveis transeuntes
 Lapso na história das
 Culturas, elo-navalha
 Entre o ser e sua natureza

E o homem engendra
 sua maior antítese
 sua auto-imagem
 improvável arquitetura..

Estrutura precária
 Coração ativista
 Impossível abstração
 Qual lego se arquiteta

A civilização poli-étnica
 Fato incondicional da história,
 uma multidão em trajetória

Ethos
 Quarks
 Quanto
 Bangs-
 Dogs big, the lost soul
 Are playing letters in saloon

Jueves, 10/06/2010

Nova nave ambigüidade,
Inconstante novidade, a vida.

Colunas e 1 página, estilística
Que estica a estética, elã.

Não sou louçã, infância literária
Incontida,

Não sou louçã, infância literária
Incontida,

Resguarda na História
A notícia que o novo se move
Plástico-acústico no ar.

Resguarda na
História
A notícia que o novo se move
Plástico-acústico no ar.

Aperfeiçoar o espírito e/ou aproximar o ser do tempo.

Transfigurar a realidade

Reinventar o tempo

Apropriar-me culturas outras

Transfigurar a realidade

Reinventar o tempo

Apropriar-me culturas outras

Ser-nos eutros, supra-
consciência

My soul is the world!

Pois que habitam-nos
heranças,

estrangeiros ancestrais.

Universo em constante
dispersão,

A diversa universidade

Engendrar teorias

Desfazer teoremas

Poder, enfim, amar

Literatura...

Orgânica ciência a língua,

O cinema.

Antroposociopolítica

Das civilizações

Transcendendo culturas

E sociedades.

Literatura...

Orgânica ciência a língua,

O cinema.

Antroposociopolítica

Das civilizações

da primeira semana
de aula,

No último dia

da primeira semana em plena sexta-feira
de aula,
Foi que como em plena sexta-feira
Em Cachoeira,
A natureza das circunstâncias

Houvesse mudado.

As idéias em turbilhão

atravessam as paredes da razão
excede a própria essência
contida no invento do real.

É a ciência da filosofia do momento
Perturba axiomas ancestrais

Depois nos debrucemos
Sobre o fato acontecido
Previsto, precipitado.

A noite em festa no salão
Fruição corpoética...

Nem Holmes, Poirot ou Poe pesariam
A anedota do mistério fantástico
O rapto-desaparecimento momentâneo

Nem Holmes, Poirot ou Poe pesariam
A anedota do mistério fantástico
O rapto-desaparecimento momentâneo
ESCRITOR

ESCRITOR

Das palavras atleta,

Escritor

Seu treinador, Poeta.

Das palavras atleta,
Seu treinador, Poeta.

O verso adestra
Sua mão mestra

Não cansa, nem parte,
Avança os scombros da Arte.

Efêmero quarto obscuro
Passagem por cima do muro
Avança os scombros da Arte.

Do quintal das idéias,
Suplanta a matéria, memória

Efêmero quarto obscuro
Se alarga, sucursal da história...
Implode a essência

Ocultas lembranças, reticências.

Do quintal das idéias,
Suplanta a matéria, memória

Se alarga, sucursal da história...
Implode a essência

Ocultas lembranças, reticências.

Expurgação

E a "realidade" mais uma vez
 Aturde consciências
 Em desencanto eterno
 E o hoje engrandece
 (inda mais) o ontem.

Decola outrantas fronteiras
 De um mesmo lugar,
 Eclipse, sombra,
 Lago ou profundo mar...

E a "realidade" mais uma vez
 Aturde consciências
 Em desencanto eterno
 E o hoje engrandece
 (inda mais) o ontem.

Hermes descalço, hermeneuta
 Que esqueceu estratégias.
 Mil bandeiras tem uma nação
 Um território em si contém
 Ulterior segredo da expansão.

Hierárquicas vontades, desmandos
 A então super-culturalizada civilização
 Desmonta.
 Abrolhos de estilhaços se espraiam pelo indefinido

Sim, camaleônico estado,
 Metamorfo constante...
 Nem Gregor Samsa saberia a sensação...
 Sondar as profundezas,
 o absurdo abismo turbilhona,
 redemoinho os momentos,
 instantes pré-cáries
 não se submetem as frágeis leis da memória
 incompleta é sempre a história.

matéria que no vácuo se abandona
 etéreo no obvio se transborda
 etérea verdade de fingir-se
 Já não mais longe
 Precípua passear precipícios
 Rejuvenescer o olhar
 de si acerca do outro
 Ethos quânticos são precisos
 Supor operar as peças e as cartas
 E o primogênito de copas abstrai o tabuleiro
 O anacronismo de nunca ter sido
 Mero espectro do intelectual de outrora e de hoje
 EM OUTROS MARES BIOLÓGICOS
 Nautragastes,
 Gastaste o extase
 Qual numa hiperbólica catarse
 Analítica que se ramifica
 E perturba

Foi deslocado o eixo
 Organismo sem órbita
 Per si constante
 Esquecer-se

Lamparinar pensamentos
 Creptilar o dia
 Sombrancelhar o tempo
 Antecipar(inconstantes)
 Estruturadas estruturantes estruturas...

Fluido fluxo de capitais,
 E indivíduo cosmopolita se esmera
 Em lapidar culturas eutras,
 Línguas, outras
 E ser-se longe solipsismo
 Das circunstâncias, enfim
 Social-nilismo dominante
 Descrever sociedades e seus hábitos
 Diz cre ver

Paradigma incerto, o do
 Desterro na experiência cotidiana

Ciência, obscura essa
 Tal natureza, fugidia
 Certeza, um só
 Gloc temporal, deslocalização
 Espaço-global em pensarés...

Ação que desrealiza,
 Imaterial nevoeiro que se apresenta
 Inevitável a tecnologia, fatalista a
 Sociedade

Inoxidável arquitetura,
 Material objeto análogo ao real,
 Sujeito sujeito objetivado.

Descaso ao caso orgânico,
 E o ser cada vez menos intelectual
 Fac-simile dos simulacros da civilização
 Ingloria a função de transcender
 Universos outros,
 Eutrificadas lucubrações
 Acerca do que não há
 Entre o indivíduo e o infinito.

Hierárquicas vontades,
 desmandos
 A então super-culturalizada
 civilização
 Desmonta.
 Abrolhos de estilhaços se
 espraiam pelo indefinido

Sim, camaleônico estado,
 Metamorfo constante...
 Nem Gregor Samsa saberia a
 sensação...
 Sondar as profundezas,
 o absurdo abismo turbilhona,
 redemoinho os momentos,
 instantes pré-cáries
 não se submetem as frágeis leis
 da memória
 incompleta é sempre a história...

matéria que no vácuo se
abandona
efeito no óbvio se transborda
etérea verdade de fingir-se
Jhá não mais longe,
Precípua passear precipícios
Rejuvenescer o olhar
de si acerca do outro
Ethos quânticos são preciso
Supor operar as peças e as cartas,
E o primogênito de copas abstrai
do tabuleiro
O anacronismo de nunca ter ido
Mero espectro do intelectual de
outrora e de hoje.

EM OUTROS MARES BIOLÓGICOS

Naufragastes,
Gastaste o êxtase
Qual numa hiperbólica catarse,
Analítica que se ramifica
E perturba.

Foi deslocado o eixo,
Organismo sem órbita
Per si constante,
Esquecer-se.

Lamparinar pensamentos
Crepitar o dia,
Sombrancelhar o tempo,
Antecipar(inconstantes)
Estruturadas estruturantes
estruturas...

Fluido fluxo de capitais,
E individuo cosmopolita se
esmera

Em lapidar culturas eutras,
Línguas outras,
E ser-se longe solipsismo
Das circunstâncias, enfim,
Social-nilismo dominante
Descrer sociedades e seus
"habitus" ,
Diz crê ver

Paradigma incerto o do
Desterro na experiência cotidiana

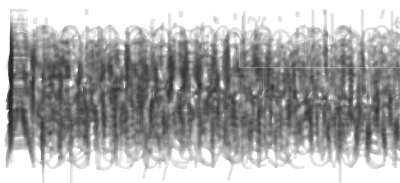
Ciência obscura essa
Tal natureza, fugidia
Certeza, um só
Gloc temporal, deslocalização
Espaço-global em pensares...

Ação que desrealiza,
Imaterial nevoeiro que se
apresenta,
Inevitável a tecnologia, fatalista a
Sociedade.

Inoxidável arquitetura,
Material objeto análogo ao real,
Sujeito sujeito objetivado.

Descaso ao caso orgânico,
E o ser cada vez menos
intelectual
Fac-símile dos simulacros da
civilização,
Inglória a função de transcender
Universos outros,
Eutrificadas lucubrações
Acerca do que não há
Entre o indivíduo e o infinito.

Aqueles aquém os filósofos



Ensinarão a dialética
 , aos pais de ideologias malditas
 A essa legião de contas-entes-ligadas
 por uma idéia-práxis,
 Fibra-óptica-tensão em movimento constante
 constante movimento

E a realidade não cansa
 Manhã que não cessa,
 Diário metacrítico
 Há revolução...

Luas outras brotarão
 No céu diurno
 E a feição dos prédios
 Empalidecerá,
 Cairá um tom o pensamento,
 Deslocada a realidade do instante
 Efêmero trago que se arrasta
 Na imensidão.
 Fugiste futuro inalcançável
 Fôlego que sustenta-se.
 Armadilha constante
 Esta chuva noturna
 Há deus...



.....
 De pólvora e mel, desafia o pincel,
 Cada manobra brisa solitária , arisca trajetória
 O mistério não cansa, desvenda a lembrança
 Precário contraste constante.

Condera-caturado indivíduo, em rótulos
 e perfis imersos,caixa-preta de ideologias
 as consciências.

Fora duvida, a vida;

Percurso no tragicômico trajeto

Sujeito em processo, ente-cultura,

Esse Eu incompleto estrutura inconstante

Dominante incerteza.

Nove Naves deslizando no azul

Raios em contínuos relâmpagos

Apagam da tarde o arco-íris de palavras

And lost land if recompose

Are the close windows

For my soul.

And my eyes opens for ever

Approach the world themselves.

Ser-pente em flor embalsamada

Humano, ser,

Ser-pente em flor embalsamada

Grão- de-pólen , asa aziaga,
Tempestade.

Vão intranquilo, de repente,

Tempestade.

As voltas, pelo baldio em noite

As voltas, pelo baldio em noite
Se espraiair, correr o dia, crepúsculo ocular

Prender o tempo,
sang, song,
incensar o riso, visitar paraísos
e transmigrar,

Respirar o culto, aspirar oculto enigma
Entre os dedos... Fronteiras, terremotos,
Cataclismos

Hecatombes anunciam... Transporte
ao passo de mil léguas, submersas épocas
decanto em fantasia, chispa o dia
nas águas do vale.

E represa a idéia, labirinto da matéria,
Trocãem-se as mascaras e o disfarce continua
O mesmo.

Unico nervo que não cessa,
improvisa a promessa
e se esquia do abraço,
preserve o rastro.

E represa a idéia, labirinto da matéria,
Trocãem-se as mascaras e o disfarce continua
O mesmo.
Unico nervo que não cessa,
improvisa a promessa
e se esquia do abraço,
preserve o rastro.

LIVRE

ALSAMADA
NUNCA ME ESTIVE AQUI,
AÇA PARAÍSO
QUEM SABE,
SUSCULO QUE ANDA
MIL EMARANTIMPAIS;
GOTO CANTO, ONVIDA RREVS,
A NAO VANTO, GRAISENAS
IM, EM BUTONARORAS
MICEINMIAIS BIDE CARIES CRTA DE
MENDONIASIO DE ANDINO #ANINEM
MAIONIASYUSCAJELASINENSIAS
LADO BIRRE
A pênice

“A Obra prima Desconhecida”

À matéria ainda não trabalhada

Por pontes de aço e pedra, cantai!!!
Cantai além do rito...

Erguei mais alto, o bramido
O bardo interrompido (há tempos)...

A bomba parte!! Em seu vôo esquecido
Engravitando a gravidade, e eclode o crepúsculo

[ao

despachar da tarde.

Sombros do real,

Postes procuram pernas rostos retratos

Mas nem os ratos restam nos esgotos, nas esquinas

Desmancham-se as rimas, rios intermináveis

Talvez pense—se um pássaro, mas pesam

Ainda mais as falsas asas que o canto.

A

Cápsula de olores, cristal de ilusão
Termostato da clareza, branco enigma
Tuas asas; pálida nau, nave navegando
Na delícia astrolábica do eterno

Casulo alquímico em que se funde
O incenso e pétalas raríssimas
Precioso sândalo que da boca escapa
Amalgama o tempo e não cansa retê-la

Traz na tez o Mar, a ira...
Que pouso sem asas em lassidão...
É foz onde esconde-se a bússola

A noite engole a imensidade
Sua hora envolta em caos
Silencia o todo em suas partes.

Às fronteiras

Escafandro de fótons idos
e em névoa imerso,
esmaecido...

Não coube amor, em sua
bagagem...
Mímicos morfemas, Morfeu
Assiste a correnteza ao
Mar o carregar...

Arrastam almas pelas penas,
E a porta range no sentido,
Raciona-li-sensação...

E vence o tempo
Esconde os dias na algibeira
Escrevinha as horas no ocaso

Precipitar em mistérios
sombrias antes vistas
E é outro hoje ainda

Não mais deserto
lapso no espelho
Extingue-lhes os antolhos
E todo o agora pode ver

Pirotecnia das idéias
Verboriundo de si mesmo
Apascenta seu ser moribundo

Escaravelho, que ao interior
consome
qual esfíngica idéia a corroer
a razão

Em místico terreno
Obumbra insigne imagem...
Máscara que o todo veste.

Mistifica paisagem...

Hecatombes na história
Despencam aos milhões as
repúblicas
Desmontam, scombros do
acontecido

Tão precário saber
fenômenos ocorrem todo
tempo
complexas, as estruturas
transbordam

Na bolsa, Razão em baixa
passo a passo pena ainda
embora
A última estrada.

Depois do campo obtuso
Pensar mais não há ser...
A fonte em fumos perfuma
Lavra após lavra as
fronteiras...

Despeja o enigma

das auroras no céu de megatons...

compraria tijolos e remédios,
 Só estilhaços sem nexos
 reverberam na inexatidão
 da face d'água que murmura
 ao ver eclipsar-se o Orbe,
 paradeiro desconhecido,
 movimento anacrônico
 no não-espaco sem tempo
 em exercício constante
 de perplexidade
 não instantânea
 e não percebida.

Lembrança futura

recordares esta voz vacilante,
 se a tarde em lamento
 a lembrança lavar-me...

recordaríeis o que me cabe;

recôndita ausência
 em cada esquina,
 não encontro,
 e cada estrela morre

Pois que de mim se derrama
 esta angústia-memória,
 esta verdade decrépita
 esta lunar solidão

qual quando ao cais
 atraca-se o crepúsculo,
 alvo negro nos rochedos,
 que as ondas rebatem
 despedaçam-se na espuma...

LIVRE
ALSAMADA
NUNCA ME ESTIVE AQUI
LACA PARAÍSO QUEM SABE
O CANTO QUE ANDAS
SUSCULO EMARANTIM
CANTO A VIDA É REVA
FIM EM BUONA GRAZIA
A nexo

Fatalismo acientífico ²

A ciência
Arde em meio a chuva
No naufragar da tarde

Obumbram lentes a realidade
Interacionismos consubstanciam
A natureza equânime do ser

Entre a mística quântica
E a
Obviedade, paira imersa na
Incerteza,
A última análise
Do acontecido

Fatalismo acientífico ³

A ordem no caos
É a possibilidade de existir
Outra saída, fora de qualquer realidade
Além do que
Toca aos olhos, depois,
Ser-ente,
Deus encapsulado na razão,
Gênio prenhe nas idéias,
E

Descartes tão distante e sem
Método,
Kepler, Kuhn e Kant coisificam-se,
Filosoficam
Pensamentos!.

2 Algo como um fatalismo russo de início de século!

3 Inscrito no prédio da Fundação Hansen Bahia, Cachoeira.

Líricoisas

Foi em março
O marco, do rio
O braço...
No Carmo, convenço-me
que fleiras não
existem.
Foi tudo
fortuito carma,
Sem paz nem calma,
Mar em sargaços
Céleres estilhaços dos
Porta-retratos.
Da Rua inteira
Em retalhos ,
Cópias enchem
Dias de cansaço.
Mascara o metamórfico ser
Em ti; conjunturado, natureza natimorta
Em si;mero esmero.
Se não nascem mais virgens
nos jardins da
Babilônica Beleza,
E a dor é só mais uma,
Ante o gozo holístico.

14 Estações para Valquíria.⁴

Herói que desconhece-se,
Ser outro, mais que augusto

João, Febo, Delfos, Patmos

Consulta os orixás e seus búzios
Acumulados nos abismos das cidades
nas ruínas das noites.

Escorrendo pelas paredes as propagandas

Não,
Nem mesmo a veria sentido
em ser louco.

Agora brotam líquens sobre tua líquida
lembrança.

Jaz mândida e tranqüila sobre
o dorso sinuoso dum regato.

Pélago, hiato,
Alargado intervalo e
ntre
a face e o espelho.

4 Poema publicado pela primeira vez no jornal Tribuna Popular de Marogijipe na edição de 15/07/2010, Reconcavo sul da Bahia.

Canto em duas Cordas para o vale do Paraguaçu

I

A Planície da Revelação

À minha querida avó, octogenária de fôlego,
por possibilitar tal visão...

Canibais as silvícolas saúvas,
É toda herança vã fortuna,
A beleza corta-lhe a cabeça,
qual Vênus sem braços...

Por nunca pôr a farda, mais
gosto é de dar trabalho... Eu
que de Garrincha as pernas
tortas,
Coringa nas cartas do baralho

Cavo no Recôncavo a cova...
Ó, se- fico-me nos séculos
inteiro
À Ponte procura o canoeiro, o
estaleiro é só mágoas e
cansaços.

Foste dedilhar teus dígitos,
Pilhar dos contêineres as
cargas
Foste digitar teus dísticos...
Por desertos oceanos busquei

Um decassílabo nas décadas
Em cada aeroporto, em cada
Aurífera manhã, disforme...
Fragmento na distância
derramada

substância que evapora. A
estrutura
qual lego se desmonta,
qualquer miragem
sem ortografia, o segredo
cinéreo
Ao meio nevoeiro, o etéreo
revelar...

Ondas que o vale amordaçam
Vem esmigalhar mistérios,
A líquida epifânica planície
Que em taça o horizonte
encerra... Amanhece...

Astrólogo dos séculos, que
a tudo
tem criado, enciclopédico
animal
sem óculos, os rins um dia o
pararão, sinuosa
alma em cruz ilhada entre
montanhas.

II

Côncava Imagem

Canhões e cais gravitando em tua órbita...

Desta teoria imprecisa
Emerge arquitetura precária,
Qual névoas do Himalaia
Em seu cérebro mutante.

Das brumas revelam-se ninfas
Em seu fluido...
Eu, não sou bom com poemas
Mais a pena insiste enfardar-me

Vós dizeis-me vagabundo,
Não mas que o malandro
Que perfeita sobre vós:
Incrédulos e insensatos.

A corja as custa se nutre;
O que és-tu, esfíngica-miragem?
"Paraguaçu não é Senna".

Falsa fábrica de ânsias nervosas,
Absurda indústria da fantasia.





Este livro foi composto com títulos em Rotis Semi
Serif Bold 18/18 e corpo em Rotis Semi Sans 10/12.
Fonte desenvolvida por Otl Aicher em 1988, com base
no sistema métrico em vez do sistema de paicas, no
formato de 10,5×16,9 cm, com mancha gráfica de
7,85×11,46 cm, utilizando papel pólen 80g/m² no miolo
e cartão supremo 250g/m² para a capa.